

POLICIAIS MILITARES E NARRATIVAS DE ADOECIMENTO MENTAL: CORPO, EXPERIÊNCIA E INTERSUBJETIVIDADE NA ORDEM MILITAR

Aluna: Cláudia Vicentini Rodrigues de ALMEIDA

Orientadora: Pofa. Dra. Telma Camargo da Silva FCS/PPGAS

Unidade Acadêmica: FCS - Faculdade de Ciências Sociais

PPGAS - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Endereço eletrônico: clavicentini@gmail.com

Orgão financiador: Bolsa Capes

Palavras-chaves: Polícia militar; sofrimento social; experiência de adoecimento; corpo.

INTRODUÇÃO:

Este trabalho propõe tratar da relação entre adoecimento mental e polícia militar por meio do uso de narrativas e das noções de “experiência de adoecimento” e “sofrimento social”. Trata-se de uma pesquisa de mestrado em andamento que objetiva delinear as especificidades do contexto militar, da profissão policial e dos indivíduos que nela atuam a partir da maneira como significam intersubjetivamente seus corpos doentes e negociam, tanto na instituição militar como fora dela, a situação de ruptura que acompanha os episódios de doença.

Levantamentos bibliográficos sobre a PM demonstram que, em geral, pouco vem sendo produzido no meio acadêmico antropológico brasileiro a respeito dos policiais militares. Os estudos que tratam do tema, em sua maioria de caráter sociológico, abordam-no principalmente a partir de discussões a respeito da violência policial, da segurança pública, da reforma policial e dos direitos humanos. As etnografias antropológicas sobre o assunto, produzidas na década de 90 – época em que os interesses acadêmicos se voltaram para o estudo do Período Militar –, restringiram-se a refletir sobre o militarismo a partir de trabalhos de campo realizados em instituições do Exército Brasileiro. Embora a estrutura da Polícia Militar guarde profundas semelhanças com a do Exército, uma vez que ambas são corporações militares, guarda especificidades que merecem ser melhor investigadas pelo olhar “próximo” próprio a abordagem antropológica. Recentemente, a produção

antropológica tem direcionado seu olhar para essa categoria profissional. Entretanto, ainda há muito a fazer.

MÉTODOS E DISCUSSÕES:

O campo empírico vem sendo realizado com cabos e soldados da Polícia Militar do Estado de Goiás, do sexo masculino, que passam por tratamento psiquiátrico oferecido pela instituição militar ou fora dela. Sua metodologia privilegia o uso de narrativas, seu campo empírico é, portanto, preponderantemente, mas não exclusivamente, discursivo. Dois lugares foram eleitos para o “encontro” desses indivíduos: a Clínica Psiquiátrica Isabela¹, na qual há significativo número de policiais internados, especialmente em decorrência do abuso de álcool, e o os atendimentos psiquiátricos do Hospital da Polícia Militar², para o qual são encaminhados os profissionais avaliados por seus superiores ou colegas como apresentando comportamentos não condizentes com os preceitos militares e profissionais.

Os estudos sobre militarismo apontam que a identidade militar guarda estreita relação com a forma de construção e apresentação dos corpos dos indivíduos que a ostentam. A uniformidade dos comportamentos e posturas, obtidos por meio de um intenso e brutal processo de socialização secundária, assegura a obediência à hierarquia e aos preceitos disciplinares e é fundamental ao sentimento de pertencimento à identidade militar. Além disso, enquanto princípios norteadores da conduta militar, a hierarquia e a disciplina possuem caráter totalizante e são extensivos à vida pessoal e moral desses indivíduos.

O grande número de casos psiquiátricos e alcoolismo entre policiais militares na ativa são quase sempre decorrentes do próprio exercício da função policial. Autores que discutem segurança pública e atuação policial apontam como causas para os altos índices de violência policial e de diagnósticos psiquiátricos nas corporações militares o caráter eminentemente militar que caracteriza e especifica a atuação do policial no Brasil e a ordem marcadamente hierarquizada, autoritária e excludente da sociedade brasileira.

O referencial teórico que sustenta esta pesquisa tem o mérito de contornar as dificuldades de realizar trabalhos etnográficos a respeito de instituições de caráter

¹ A Clínica Isabela está localizada na Av. 85, Qd F19/Lt 51, nº 165, Setor Sul, Goiânia-Goiás.

² O Hospital da Polícia Militar está localizado na Av. Atílio Correia Lima s/nº, Cidade Jardim, Goiânia-Goiás.

totalizante, que tendem ao fechamento, como as instituições militares. Ao privilegiar a dimensão do corpo (CSORDA,1994,1999, 2008) e o uso das narrativas (GOOD, 1994; KLEINMAN, 1998; ALVES e RABELO, 1999; RICOUER, 1999) sobre ele como meio de acesso ao contexto social e às relações sociais, essa abordagem, acredita-se, permite revelar os interstícios da relação entre indivíduo e sociedade sem deslegitimar a experiência vivida. Em nível empírico, tendo o contexto goiano como pano de fundo, o olhar teórico desta pesquisa oferece caminhos para articular a ordem militar e o contexto do trabalho policial, as estratégias individuais e as relações intersubjetivas do meio militar aos fatores históricos e estruturais da sociedade brasileira, cruciais ao fenômeno da violência.

Dessa maneira, uma vez que o corpo adquire posição fundamental na socialização, na construção identitária (CASTRO, 1990; LEINER, 1997; OLIVEIRA, 2010; ALBUQUERQUE e MACHADO, 2001) e no trabalho desenvolvido por esses profissionais, e considerando as especificidades da atuação policial na sociedade brasileira (TAVARES,1997; COSTA, 2004; VIEIRA e SILVA, 2008) o referencial teórico desta proposta sustenta que o estudo dos significados que policiais militares atribuem às suas experiências de adoecimento mental (KEINMAN, 1995; DAS *et al*, 1997; ALVES, 1993, 1994, 1999) se demonstra capaz de descortinar aspectos insuspeitos de sua subjetividade e de seu contexto moral e profissional, os quais, de outra maneira, seriam dificilmente acessados, dada a tendência ao fechamento de instituições como as militares.

Considerando que a significação e a legitimação social da doença mental são quase sempre permeadas de julgamentos morais de caráter estigmatizante (GOOFMAN,1980) que afetam sobremaneira as relações sociais do indivíduo e a maneira como define a si mesmo e é definido pelos outros, pergunta-se: é possível afirmar que, em sua especificidade, os processos de adoecimento de caráter mental ou “nervoso” alcançam dimensões que vão de encontro a preceitos e valores fundamentais do militarismo? De que maneira a conotação negativa que carrega a doença mental afeta os valores atribuídos pelos policiais aos seus corpos enquanto veículos ostentadores de sua identidade e masculinidade?

Assim, esta pesquisa, ainda em processo, busca fundamentalmente responder a dois questionamentos mutuamente implicados: de que maneira a ordem militar se apresenta nos significados atribuídos por policiais militares às suas experiências de adoecimento mental? E, do contrário: o que os significados

atribuídos às experiências de adoecimento mental têm a dizer sobre os indivíduos inseridos na ordem militar? A antropologia brasileira, conforme aponta Durham (1988), tem privilegiado o estudo das minorias em detrimento do estudo dos grupos dominantes. Esta proposta procura dissolver essa dicotomia ao revelar a subalternidade escondida nas engrenagens dos grupos dominantes e reforçada pelos discursos políticos e acadêmicos sobre as classes minoritárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBUQUERQUE, C. L. de; MACHADO, E. P. O currículo da selva: ensino, militarismo e *ethos* guerreiro nas Academias Brasileiras de Polícia. *Capítulo criminológico*. Vol. 29, nº4, dez, 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.luz.edu.ve/index.php/cc/article/viewFile/163/159>>. Acesso em: 20 mai. 2011.

ALVES, P. C.. A experiência da enfermidade: considerações teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 9 (3): 263-271, jul/set, 1993.

_____. O discurso sobre a enfermidade mental. In: ALVES, P.C. e MINAYO, M.C.S. *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.pp.91-99.

ALVES, P.C.; RABELO, M.C.; SOUZA, I.M.A. Introdução. In: RABELO, M.C.M *et al.* (orgs). *Experiência de doença e narrativa*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999.

ALVES, P.C. & RABELO, M.C. O status das ciências sociais em saúde no Brasil: uma tendência. In: *Antropologia da saúde: traçando identidades e explorando fronteiras*. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 1998.

_____. Significação e metáfora na experiência da enfermidade. In: RABELO, M.C.M *et al.* (orgs). *Experiência de doença e narrativa*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999.

CASTRO, Celso. *O espírito militar: um estudo de antropologia social na academia militar das agulhas negras*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

COSTA, Arthur T. M. *Entre a lei e a ordem*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

CSORDAS, Thomas J. Introduction: The body as representation and being-in-the-world. In: CSORDAS, Thomas J. (Org.) *Embodiment and experience: the existential ground of culture and self*. Cambridge: Cambridge University Press. 1994. pp.1-24

_____. "The body career in Anthropology". In: MOORE, Henrietta L. (Org.) *Anthropological theory today*. Cambridge: Polity Press. 1999. Pp. 172-205.

_____. "A Corporeidade como um paradigma para a Antropologia". In: *Corpo/significado/cura*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

DAS, Veena; KLEINMAN, Arthur. LOCK, Margaret. "Introduction". In: *Social Suffering*. Berkeley: California University Press, 1997. Pp. I-xxvii.

GOOD, Byron J. *Medicine, rationality and experience: an anthropological perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1980.

KLEINMAN, Arthur. *The illness narratives: suffering, healing & the human condition*. USA: Basic Books, 1988.

_____. *Writing at the margin: discourse between anthropology and medicine*. Berkeley: University of California Press, 1995.

LEIRNER, P. de C. *Meia volta volver*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

OLIVEIRA, Jonas Henrique de. O corpo como significado ou o significado do corpo: poder, violência e masculinidade da polícia militar. *Vivência*. nº 35, 2010, p101-117.

RICOEUR, Paul. *Teoria da interpretação*. Portugal: Porto Editora, 1995.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. A arma e a flor: formação da organização policial, consenso e violência. *Tempo Social*. Revista Sociológica. USP, São Paulo, 9(1): 155-167, maio de 1997.

VIEIRA, S.B.; SILVA, M.B. O Processo de trabalho do militar estadual e a saúde mental. *Saúde Soc*. São Paulo, v.17, n.4, p.161-170, 2008